

de como o mulato
porciúncula descarregou
seu defunto



CONTADO POR JORGE AMADO E
VISTO POR ANDRÉS SANDOVAL
COMENTÁRIOS DE MARIANA AMADO COSTA E
JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Gringo aportara ali há muitos anos, era calado e loiro, nunca vi ninguém gostar tanto de cachaça. Dizer que emborcava a branquinha como se fosse água não é vantagem, pois isso todos nós fazíamos. Deus seja louvado!, mas ele podia passar dois dias e duas noites mamando garrafas e não se alterava. Não dava para falador, não puxava briga, não cantava canções de outros tempos, não vinha recordar seus desgostos passados. Caladão era, caladão ficava, só os olhos azuis se apertavam, cada vez mais miúdos, uma brasa

vermelha dentro de cada vista, queimando o azul.

Contavam muitas histórias sobre ele, algumas tão bem amarradas que dava gosto escutar. Tudo por ouvir dizer, porém, pois da boca do Gringo nada de certo se sabia, boca trancada, não se abrindo nem nos dias de festa gorda, quando as pernas ficavam como chumbo de tanta cachaça acumulada nos pés. Nem mesmo Mercedes, cujo fraco pelo Gringo não era segredo para nenhum de nós, curiosa como ela só, jamais conseguira arrancar sequer um dado preciso sobre a tal mulher que o Gringo matara em sua terra e sobre o homem por ele perseguido anos a fio, por lugares sem conta, até lhe enfiar a faca no bucho. Quando ela perguntava, nos dias de cachaça maior que o respeito, o Gringo ficava olhando ninguém sabe o quê, com seus olhos miúdos, olhos azuis, de repente rubros,

apertadinhos, e articulava um som como um grunhido, de duvidosa significação. Essa história da mulher com dezessete facadas nas partes baixas, nunca consegui saber como veio parar ali, entupida de minúcias, e mais o caso do moço patrício dele, perseguido de porto em porto, até o Gringo lhe enfiar a faca, a própria com que matara a mulher com as dezessete facadas, todas nas partes baixas. Não sei mesmo, pois, se ele carregava esses mortos consigo, nunca quis se aliviar da carga, nem quando, de tão bêbado, fechava os olhos e as brasas vermelhas caíam no chão, bem nos pés da gente. E olhem que morto é carga pesada, já vi muito homem valente largar seu fardo até em mão de desconhecido quando a cachaça aperta. Quanto mais dois defuntos, mulher e homem, de faca no bucho... O Gringo nunca arriou os dele, por isso tinha as costas curvadas, do peso, sem





as mortes e
o triunfo
de rosalinda



CONTADO POR JORGE AMADO

VISTO POR FERNANDO VILELA

COMENTÁRIO DE PEPETELA



Basta de gritos, cavaleiro! Não me interessa saber se o distinto é autoridade ou não, não admito gritos seja de quem for, não sou moço de recados de nenhum patrão nem governador de estado tremendo ante qualquer patente militar, não suporto gritos. De Rosalinda muita coisa suportei antes de decidir-me a fazer justiça com minhas próprias mãos, jamais, porém, ela elevou a voz cristalina para gritar comigo, e por que havia de gritar? Ninguém precisa gritar, não tenho por que guardar segredo, o fato é público e

notório e o programa de maior audiência da televisão transmitiu ao vivo o assassinato de Rosalinda, o sétimo por mim cometido na mesma vítima inerte e ressuscitada, a Virgem de bronze, a meretriz dourada, a santa milagrosa canonizada pelos anticomunistas chineses, Rosalinda BB, ou seja, Rosalinda Boa Bunda.

Não, meu caro amigo, se vossa excelência permite-me tal intimidade, não sinto o menor remorso. Não precisa o caro colega insistir: “Não matarás, não matarás”, como se falasse a um gentio, ao ditador do Paraguai ou a um índio perdido na selva. Não sinto o menor remorso, não perco um minuto de meu sono de inocente. E por que haveria de sentir remorso? Porque um judeu do Egito gravou na pedra uns quantos mandamentos? Não lhe digo, respeitável cartola, o que penso do tal Moisés e de

seus dez mandamentos, porque as senhoras não estão suficientemente próximas. Já notou como as senhoras gostam de ouvir palavrões? Quanto mais moralistas e devotas, mais estimam elas as palavras feias, os nomes sujos. Conheci a avó de um sujeito muito metido a besta, era uma velha de seus oitenta anos de ostentada virgindade, uma barata de sacristia, cheirando a breviário (ou fedendo ao dito, como o senhor prefira, de acordo com os seus respeitáveis princípios religiosos), pois bem: a piedosa adorava um palavrão e seu preferido era “prepúcio”, já viu vossa senhoria palavrão mais horrível? Também Rosalinda exigia um palavrãozinho na hora extrema do coito e eu levava sempre comigo um bom dicionário da língua portuguesa, para consultá-lo no momento crítico e assim variar de vocabulário, se bem que ela demonstrasse nítida preferência pelo

substantivo feminino “vaca”, elogio a deixá-la em transe e em êxtase.

Não me pergunte por quê, não venha me dizer que não sabe... Quanto à velha rata de igreja, era avó e virgem, sim, senhor, meu caro Esculápio. Ora, como podia ser... Ou bem por obra e graça do Espírito Santo, divindade dada a esses truques, ou bem de tanto levar nas coxas, pegou filho, gravidez tubária ou gravidez anal, o senhor pode escolher, sempre de acordo com seus gostos e suas conveniências. Para mim, no entanto, e aqui o confesso, a virgindade da velha era apenas aparente, a operação plástica não dera resultados positivos, a prova é ter o segundo marido viajado para a Bolívia em busca do divórcio. Também Rosalinda, submetendo-se à delicada operação, jogou dinheiro fora, pois logo me dei conta de que já lhe haviam tirado os tampos.

Não adianta tentar convencer-me com o laudo médico. Apenas concluí à primeira e emocionante metida, examinei os lençóis a olho nu e com poderosa lupa. Encontrei-os imaculadamente brancos, nem uma gota de sangue para remédio. Não venha, senhor perito, com a opinião autorizada da junta médica, não me tapeia. Repeti o deflora-mento quatro vezes e em nenhuma delas eu a encontrei virgem, a astuciosa conseguia sempre maneira de fornicar anteriormen-te, na véspera ou minutos antes, deixando-me apenas um restinho miserável de don-zelice, um quase nada.

Mas, se vossa reverendíssima não se opõe, abandonemos tais detalhes tristes, inclusive a velhota recauchutada e carola, voltemos aos mandamentos. Não lhe dou minha aba-lizada opinião sobre eles porque, se eu lhe dissesse tudo quanto penso a respeito, seria



o milagre dos pássaros



CONTADO POR JORGE AMADO

VISTO POR JOANA LIRA

COMENTÁRIO DE ANA MIRANDA



O milagre aconteceu na cidade de Piranhas, às margens do rio São Francisco, em dia de feira e animação. Comprovado por centenas e centenas de viventes, de condição social diversa, desde o rico coronel Jarde Ramalho, o que lutou contra Lampião, até pobres lavradores vindos do interior para vender sua farinha de mandioca e o milho das roças. Assistido por uma visita ilustre, recebida com festas na cidade, dona Heloísa Ramos, viúva do mestre romancista. Não sendo ela, como é público e notório,

dada a mentiras, seu testemunho por si só assegura a veracidade do caso.

Heróis do acontecido foram Ubaldo Capadócio, de profissão literato de cordel, trovador popular e amante, nos três ofícios de reconhecida competência e vasta aceitação, e o capitão Lindolfo Ezequiel, cuja reputação de valentia e crueldade corria mundo naquele território de colhudos que é o chão das Alagoas. Capitão de que arma não se tirou a limpo até hoje, mas as dragonas ele as conquistou mandando gente para o cemitério, pois as ocupações em que se fez famoso eram a de pistoleiro (com a qual ganhava dinheiro e consideração) e a de esposo de Sabô, sendo que essa última profissão exigia dele capacidade, vigor e ameaças violentas à população masculina, pois Sabô — diga-se a verdade — não tinha respeito pela patente do marido, nem pela cara feia, nem pela arma mortal, e vivia

de dentes arreganhados. Com Sabô sonhavam os homens todos das ribanceiras do São Francisco, solteiros, casados, noivos, amigos, incluindo menores de catorze anos. Mas coragem de enfrentar a macheza do marido, a morte no bocal do fuzil, somente ela demonstrava; os suspirantes trancavam o peito e o rabo, desviando os olhos da oferecida.

Ubaldo Capadócio enfrentou. Não por ser de coragem desmedida, impávido. Por ignorância dos fatos e das condições locais, forasteiro de passagem em cata de leitores, de feira animada para nela vender os folhetos de cordel — o último deles, *O caso da grã-fina que se amigou com o lobisomem*, vinha obtendo sucesso e merecido —, de festa na qual tocar harmônica e improvisar versos, de cama acolhedora, seio de morena onde descansar das lides. Fosse por que motivo fosse, enfrentou o pistoleiro e o fez vestido

de camisola de mulher, das bem curtinhas, para ser exato a peça superior do baby-doll cor-de-rosa de Sabô.

O trovador Ubaldo Capadócio tinha estampa, arrebatava corações. Caboclo alto e garboso, um galalau, cabeleira esgrouvinhada, riso fácil, conversa de salão salpicada de ditos engraçados e palavras de dicionário, mal chegava, logo a roda de prosa se estabelecia. Na vastidão dos sertões da Bahia e de Sergipe onde habitualmente exercia deveres, cuidados e alegrias, era figura popular e requisitada. Vinham buscá-lo de longe para animar batizados, casamentos, velórios: não havia igual num brinde aos noivos, melhor contador de casos numa vigília, capaz de fazer o próprio defunto rir e chorar. Não se trata de força de expressão, pois o fato aconteceu e há testemunhas vivas, capazes de dar depoimento. Citarei

apenas dois nomes, entre vários: o de mestre Calasans Neto e do trovador grapiúna Florisvaldo Matos. Ambos viram quando o finado Aristóbulo Negritude abriu a gargalhada, ali mesmo deitado no caixão, mortinho da silva, ao ouvir Ubaldo Capadócio contar a história da baleia que apareceu em Maragogipe. Não cito o pintor Carybé por ser mentiroso inveterado. Segundo ele, Negritude não somente riu, como acrescentou detalhe (sujo) à narrativa. Na opinião dos entendidos, o detalhe porco é invenção do próprio Carybé, cidadão de moral duvidosa, já que Aristóbulo se bem que pernóstico não era homem de pregar remendo em relato alheio, defunto delicadíssimo.

Num forrobodó, nem se fala: Ubaldo Capadócio demonstrava seu inteiro valor. A harmônica de encontro ao peito, a voz rouquenha lavada no gole de cachaça, langoro-

